

JORNALISMO PÓS-WIKILEAKS: DEONTOLOGIA EM TEMPOS DE VAZAMENTOS GLOBAIS DE INFORMAÇÃO

JOURNALISM POST-WIKILEAKS: ETHICS IN TIMES OF GLOBAL INFORMATION LEAKS

ROGÉRIO CHRISTOFOLETTI*
CÂNDIDA DE OLIVEIRA**

RESUMO

Considerando o WikiLeaks o maior fator potencialmente transformador do jornalismo nos últimos anos, este artigo discute a emergência de novas condições de operação para os jornalistas. Questionando os parentescos entre o WikiLeaks e o jornalismo, propõe uma reflexão sobre as mudanças nas relações entre fontes, jornalistas e atores não propriamente jornalísticos; sobre as mudanças na técnica e na ética jornalística; sobre provocações ético-profissionais que o WikiLeaks traz para o jornalismo. O artigo ainda sinaliza que o WikiLeaks – exemplo exuberante do cruzamento e conformação entre a ética hacker e a deontologia jornalística – inaugura uma tendência crescente e irreversível de parceiros que podem auxiliar no processo de desvendamento de informações de interesse público.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Ética. WikiLeaks.

ABSTRACT

Summary: Considering WikiLeaks to be potentially the biggest factor of transformation of journalism in recent years, this article discusses the emergence of new operating conditions for journalists. Questioning the kinship between Wikileaks and journalism, it offers a reflection over changes in relationships between sources, journalists and not properly journalistic actors; about changes in technology and journalistic ethics and also about instigations that Wikileaks brings about ethical and professional journalism. The article also indicates that WikiLeaks - exuberant example of the intersection and conformation between hacker ethics and journalistic ethics - opens a growing and irreversible trend of partners that can assist in the process of uncovering information of public interest.

KEYWORDS: Journalism. Ethics. WikiLeaks.

*Docente do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bolsista de produtividade do CNPq e um dos líderes do Observatório da Ética Jornalística (objETHOS). E-mail: rogerio.christofoletti@uol.com.br

**Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (POSJOR/UFSC). E-mail: candida.oliveira07@gmail.com

Há menos de um ano acontecia o maior vazamento público de documentos oficiais da história. Em 28 de Novembro de 2010, tornaram-se conhecidos 251.287 comunicados internos do Departamento de Estado dos Estados Unidos, escritos para 280 embaixadas e consulados de 180 países. Esse dilúvio informacional chegou à tona pelo site WikiLeaks com o respaldo midiático de cinco dos maiores veículos convencionais de informação do mundo: os jornais The Guardian (da Inglaterra), The New York Times (dos Estados Unidos), Le Monde (da França) e El País (da Espanha), além da revista semanal alemã Der Spiegel.

A publicização desses documentos ainda provoca repercussões no quase sempre bem-educado mundo da diplomacia internacional. As revelações ajudaram a despir um pouco a elegância das relações exteriores no globo, e permitiram que cidadãos comuns observassem mesmo que por uma fresta como são urdidos alguns dos movimentos que ajudam a reorganizar a geopolítica no planeta. Entre grandes revelações e fofocas de bastidores, soube-se, por exemplo, que por meio de um telegrama foi oferecido um almoço regado a bebidas alcoólicas ao ministro da Defesa do Tadjiquistão; em outro telegrama, foram relatados dados pouco desabonadores da atuação do presidente francês Nicolas Sarkozy junto a outros políticos; num terceiro documento, informações apontam para a aceitação da China de uma eventual reunificação coreana...

Mas o fato é que este não foi um vazamento comum, como quando uma fonte de informação contrariada resolve denunciar um rival ou opositor. O "maior vazamento da história" foi uma operação bem planejada, envolvendo diversos atores e organizações, para alcançar as dimensões proporcionais ao volume de dados que viria à tona. O que se convencionou chamar de "Cablegate" foi a conjugação de esforços políticos, jornalísticos e tecnológicos; resultado de ativismo quase anarquista, de domínio tecnológico e da expertise jornalística. Isto é, não se pode dizer apenas que tenham sido disponibilizados dados brutos no site num apertar de botão. As centenas de milhares de documentos vieram à tona com base na certificação de alguns dos veículos mais tradicionais e respeitados da mídia internacional. O vazamento veio sustentado por séries de reportagens, produzidas ao longo de meses, envolvendo dezenas de jornalistas, e planejadas numa sequência de lances para evitar reações políticas que pudessem interromper o processo.

1 JORNALISMO "COM WIKILEAKS"

A parceria entre os veículos de comunicação convencional e o WikiLeaks surge num contexto bastante dinâmico e complexo das atuais relações entre centros produtores de informação qualificada e provedores de soluções tecnológicas. Não apenas porque tenham confluído para isso, mas porque tenham se mobilizado para este fim. Embora ainda muito recente, o "Cablegate" já permite entrever que algumas das transformações pelas quais passa o jornalismo vão se tornar mais agudas e sensíveis.

O cenário para a emergência de um jornalismo "com WikiLeaks" se descortina com a facilidade de contato direto com as fontes de informação; com o aumento da velocidade de acesso e edição; com

enormes quantidades de arquivos e bancos de dados que podem ser acessados online; com poderosas ferramentas de pesquisa e versáteis recursos para interatividade e publicação de conteúdos. O cenário é complexificado por sites, portais, blogs, microblogs, redes de relacionamento, repositórios para compartilhamento de arquivos, e seu acesso é facilitado pela oferta de telefones celulares, iPods, smartphones, tabletes, entre outros dispositivos móveis. Somam-se a essas possibilidades as plataformas web avançadas, capazes de dar suporte, segurança, agilidade e mobilidade no trabalho de fontes, jornalistas e outros produtores de informação e conteúdos. O resultado, incontornável, é a alteração de rotinas e produtos jornalísticos, fazendo surgir, inclusive, novas formas de produção de conteúdo qualificado e que pode ser massificado .

Sousa (2002, p. 88) explica que não é apenas a informática que está mudando o jornalismo, mas “toda uma convergência de setores da informática, das telecomunicações e da produção de conteúdos, em grande medida incentivada por grandes conglomerados corporativos globais, gigantescos oligopólios transnacionais”. Ao ampliarem a utilização da internet como suporte para a comunicação, dinamizando processos e recursos, tais setores tendem a aumentar suas riquezas e, conseqüentemente, sua influência e poder nas sociedades. As ferramentas da web, entretanto, permitem que os usuários e consumidores de informação também adquiram maior capacidade de buscar e selecionar as informações que lhes interessam, não se detendo apenas naquelas disponibilizadas pelos jornalistas e por empresas tradicionalmente dedicadas a isso.

Ao ampliarem as possibilidades de interação e publicação, esses recursos permitem, hoje, que qualquer usuário minimamente capacitado se torne um pólo emissor na rede quase sem a necessidade de mediação jornalística. Cada vez mais, as fronteiras entre jornalista, público e fonte de informação tornam-se porosas: a relação entre eles é tão próxima e constante que esses papéis se mesclam. Dessa forma, não apenas os modos de produção, divulgação e consumo de informações jornalísticas são modificados; ampliou-se também a visibilidade do potencial criativo que perpassa as relações sociais entre os atores envolvidos. A internet apresenta-se, assim, como um ambiente ampliado e convidativo para a comunicação e atividades ligadas ao campo das mídias.

Diante desse novo cenário, como bem lembra Souza (2002), a função de jornalista torna-se imprescindível: sob o risco de a sociedade viver uma sobrecarga informacional, são os jornalistas, transmissores tradicionais da informação, os responsáveis por gerir o conteúdo noticioso disponível na rede. Além disso, conforme destaca o autor, os jornalistas estão comprometidos com determinados valores, conceitos e princípios funcionais e normativos que regem a profissão e que tornam possível conotar o jornalismo ao bem público, ao direito à informação.

Os intensos e rápidos movimentos de evolução do jornalismo nas últimas décadas permitiram não só alterações no perfil dos profissionais e de suas rotinas de trabalho, como também possibilitaram

o crescimento da oferta de produtos e serviços, alargando os públicos consumidores. Diversas fontes historicizam esses processos, mas limitamo-nos a citar algumas, imprescindíveis para uma noção de conjunto. CAF e FNPI (2006), e Franco (2009) abordam a temática com um escopo mais centrado nas transformações na América Latina; Quadros, Rosa & Vieira (2005) debruçam-se sobre o caso brasileiro; Antoun (2001) explora a dimensão de novas formas de se fazer política e ativismo; Palacios (2007) e Recuero (2003) tratam do protagonismo dos blogs; Gillmor (2004), Silva Jr. (2004), Brambilla (2006), Deuze (2006), e Primo & Träsel (2006) abordam modificações no jornalismo com novas condutas e processos de participação, colaboração e interação; Christofolletti & Laux (2006), e Christofolletti (2007) perscrutam alterações na noção de credibilidade e reputação; Bird (2009) aponta para o futuro do jornalismo em meio ao desenvolvimento digital.

Benkler (2007) afirma que a internet alterou o ecossistema comunicacional, pois aumentou o poder de disseminação das informações de indivíduos e organizações; ampliou as possibilidades da atuação colaborativa; e permitiu a expansão de ações e articulações fora do âmbito do mercado.

É neste contexto que o WikiLeaks atrai tanta atenção, positiva e negativamente. A organização não governamental transnacional funciona em rede, divulga documentos secretos, confidenciais ou sigilosos de governos e corporações, e provoca reações em mercados e em sistemas políticos. Criado em 2006, o WikiLeaks conta com uma equipe formada por dissidentes, provedores, jornalistas e profissionais de tecnologia espalhados pelo mundo, e que operam de maneira colaborativa, embora tenham à frente um mentor, um rosto enigmático que atende pela identidade de Julian Assange, ativista australiano que negocia as bases de trabalho com seus parceiros.

Conforme Assange (2010), o WikiLeaks seria um novo tipo de jornalismo, de caráter mais científico, o qual permite ao público ler as notícias e comprová-las com documentos originais a distância de um clique. Exagerada e autoelogiosa, a afirmação – na pior das hipóteses – provoca debates sobre os limites e a natureza do jornalismo contemporâneo. O que o WikiLeaks faz pode ser considerado jornalismo? Ou será ele apenas uma ruidosa fonte de informação? Até que ponto a divulgação de informações secretas, confidenciais ou sigilosas é legítima em nome da liberdade de informação? Como devem agir jornalistas e veículos em vazamentos do tipo? Como se certificar de que o vazamento não é provocado para favorecer uma das partes envolvidas? É correto a imprensa fazer acordos que sinalizem como e quando divulgar informações? Enfim, o que o WikiLeaks revela em relação ao jornalismo que vem sendo praticado na atualidade?

1.1 O QUE O WIKILEAKS TRAZ PARA O JORNALISMO

Embora o fenômeno esteja em sua plena vigência e seja ainda muito recente, pode-se afirmar que o WikiLeaks é um marco para o jornalismo ou que existe um jornalismo pós-WikiLeaks? Sim e sim.

O advento do WikiLeaks permite modificações nas relações entre jornalistas e suas fontes, embaçando um pouco as fronteiras entre uns e outros, na medida em que o site não apenas serve aos veículos com

seus dados, mas também define algumas condições desses vazamentos, organizando-os, e em última instância, até atuando como instância de edição do material bruto.

Neste bojo, a hipótese de um jornalismo pós-WikiLeaks considera a chegada do site no cenário comunicativo como um divisor de águas, capaz de alterar condutas dos profissionais e políticas internas das empresas jornalísticas de tratamento das fontes. Ainda é demasiado cedo para afirmar que se esteja assistindo a nascer uma nova era no jornalismo, pois a precipitação desse julgamento pode estar contagiada pelo deslumbramento (de um lado) ou pelo pessimismo (de outro). De qualquer maneira, é razoável compreender que o WikiLeaks é o fator mais potencialmente transformador para o jornalismo desde o surgimento do Twitter em 2006. Neste sentido, o WikiLeaks pode modificar mais o jornalismo do que muitas outras novidades tecnológicas recentes, inclusive o próprio Twitter.

Conforme explica Pacheco (2011) há uma tendência de se olhar para todas as mídias sociais (blogs, Twitter, Facebook, YouTube ou WikiLeaks) de forma homogênea, como se elas fossem iguais por utilizarem a mesma tecnologia e suporte. A autora lembra, entretanto, que o WikiLeaks, diferente dos demais, submete os documentos a um processo de verificação, sendo, portanto, um equívoco conotar a todas as mídias sociais a mesma capacidade de influência.

O WikiLeaks pode ajudar o jornalismo a mudar aspectos de sua técnica e ética. Veja-se o caso do “Cablegate”. Cinco veículos muito distintos trabalharam de forma coordenada para publicar as informações de forma exclusiva, deixando seus concorrentes diretos para trás. Foi necessário muito planejamento, a articulação de esforços conjuntos para organizar os materiais prioritariamente publicáveis; foi preciso confirmar dados e cruzar informações de forma a transformar aqueles dados brutos em conteúdos informativos qualificados. Jornalistas precisaram aprender a ter paciência e a guardar segredos durante meses inteiros antes da publicização. Jornalistas precisaram aprender a trabalhar de forma cooperativa. Foi preciso encontrar soluções tecnológicas para lidar com a montanha de dados, e inclusive para manter o site WikiLeaks na rede. Isto é, cuidados técnicos adicionais foram incorporados à prática jornalística e precauções éticas foram reforçadas nesse processo. Esses ajustes não são inéditos de maneira isolada, mas a sua conjugação e nessas dimensões é inovadora. A complexidade técnica da operação – tratar jornalisticamente uma quantidade imensa de dados, difundir seus produtos de forma coordenada transnacionalmente e resguardar os cuidados éticos com a fonte e os citados nos documentos – demanda esforços sobressalentes para seu êxito.

A questão sobre os parentescos entre o WikiLeaks e o jornalismo retorna. Os vazamentos do site são uma especificidade do jornalismo? Um episódio relatado pelo colunista Mike Sager, do Washington Post, ajuda a desanuviar mais uma vez o ambiente. Num tempo anterior aos computadores, o jornalista John Feinstein chega à redação do Post com uma caixa cheia de documentos exclusivos e bombásticos. Seu colega Bob Woodward o recebe com uma expressão de júbilo: “Doc-u-gasm!” (Isso é um orgasmo de documentos!). “O WikiLeaks é a mesma coisa numa era diferente”, compara Sager.

O episódio não resolve o problema da natureza do WikiLeaks e supostos parentescos com o jornalismo, mas reforça a assertiva de que o WikiLeaks é o fator mais potencialmente transformador para a atividade jornalística desde o surgimento do Twitter, e também permite afirmar que o site é o representante mais evidente de uma tendência irreversível.

Parcerias entre os meios tradicionais de informação e o WikiLeaks tendem a se tornar mais agudas e frequentes nos próximos meses. O episódio do “Cablegate” ajudou a mostrar que novas formas de colaboração podem ser gestadas entre veículos convencionais, que têm a expertise jornalística, e outros atores, que dispõem de outros recursos: tecnológicos, operacionais, financeiros, logísticos.

O “Cablegate” não foi o único episódio protagonizado pelo WikiLeaks. Antes disso, vieram a público as imagens de um helicóptero Apache dos Estados Unidos disparando à longa distância contra civis e matando inclusive dois funcionários da Reuters; vieram à tona os chamados diários da Guerra do Afeganistão, em julho de 2010, e os da Guerra do Iraque, em outubro do mesmo ano, mostrando erros em operações e conseqüente abafamento de informações comprometedoras.

Seja repercutindo os vazamentos de seu site, seja publicando em simultâneo. Isto é, já havia relações – tempestuosas, é verdade –, mas já havia relações entre o ativista e os veículos de informação. Seu relacionamento pode ser do tipo fonte-jornalista ou do tipo mais colaborativo, fazendo Assange funcionar como um editor especial. E como foi muito exitosa a última operação colaborativa entre mídia e WikiLeaks, é muito provável que outros lances semelhantes ao “Cablegate” aconteçam. Isso se já não estiverem em andamento.

Essa joint-venture é tão irreversível que, em maio de 2011, o Wall Street Journal lançou um rival para o WikiLeaks. O Safehouse é uma estratégia do jornal para atrair informações sigilosas sobre fraudes e abusos no poder público e no ambiente corporativo. Instalado em um dos servidores do jornal e controlado pela redação, o site afirma proteger a identidade dos informantes que quiserem enviar contratos, correspondências, dados financeiros e outros materiais que permitam novas investigações jornalísticas. No começo do ano, The New York Times ventilou a possibilidade de criar um serviço semelhante, a exemplo do que já fez a Al-Jazeera em seu Transparency Unit. O próprio WikiLeaks já sofreu dissidência que propiciou o surgimento do OpenLeaks. Isto é, o crescimento da oferta de sistemas de recepção de dados brutos que podem servir de denúncias e o evidente interesse dos grupos de mídia em acessar esses materiais, catalisa o surgimento de formas colaborativas bem ao estilo do que se viu no “Cablegate”.

O professor de ética jornalística na Universidade Lee (EUA) Edward Wasserman, citado por Macmillan e Griffiths (2011, n. p.) ressalta que “se eles [WikiLeaks] tivessem apenas publicado [os dados] tal e qual como receberam, seriam acusados de grave irresponsabilidade. E o que é pior: não teriam alcançado o

impacto que tiveram”. Na análise proposta pelos autores, esta relação de interdependência entre o site de vazamentos e os meios tradicionais de informação ajuda a pavimentar um relacionamento mutuamente cauteloso, mas distinto do convencional.

2 REFLEXÕES E PROVOCAÇÕES ÉTICO-PROFISSIONAIS

Colocadas as peças dessa maneira, podemos lançar rápidas questões sobre a ética jornalística, a cobertura política e as transformações que a tecnologia e a chegada de outros novos autores estão provocando na cena da comunicação.

Os episódios protagonizados pelo WikiLeaks alteram as noções convencionais de “furo jornalístico” e “vazamento de informação”? Se é assim, como se adaptar a essas novas bases?

Não é demais lembrar que o WikiLeaks não criou os segredos políticos, nem a relação tensa entre jornalistas e políticos, veículos e governos, mídia e diplomatas. Deve-se reforçar ainda que o WikiLeaks não inventou os vazamentos para a imprensa. Eles existem desde o início do jornalismo e desde o surgimento de fontes interessadas em revelar informações ocultas.

O WikiLeaks é um novo ator no cenário informativo, mas como classificá-lo: é fonte de informação? É meio de difusão dessas informações? É um parceiro tecnológico do jornalismo convencional? Definir o papel do WikiLeaks nessa equação ajuda a determinar também a relação que se terá com ele.

A formação de pools de cobertura comumente é vista de maneira negativa pelos jornalistas. Tanto por motivos mercadológicos – pois contraria a exclusividade – quanto por questões éticas – o pool pode resultar na pasteurização das versões no jornalismo, extinguindo a heterogeneidade informativa, a pluralidade no noticiário. Grande parte do impacto e do alcance do episódio do “Cablegate” se deve ao fato de a notícia ter saído simultaneamente em quatro jornais e uma revista. Depois disso, trabalhar de forma colaborativa – em pool – ainda contraria nossas convenções éticas?

A estratégia costurada entre Julian Assange e The Guardian, inicialmente, era vaziar dados no site e ter cobertura táctica da imprensa, de forma a dar lastro às informações lançadas na web. Tudo simultaneamente. A parceria cresceu, cruzou o Atlântico e chegou a Nova York. Em outra direção, se estendeu pela parte continental da Europa. Isto é, num lance de grandes proporções, foi pavimentado um “contrato de serviços” entre as novas tecnologias de informação e comunicação – um site, um Wiki – e diários tradicionais e uma sexagenária revista para tornar pública uma imensa quantidade de dados de interesse público. Em outras palavras, a nova mídia precisou que a velha desse autenticidade ao seu produto; o site de vazamentos precisou da confiabilidade e das credenciais acumuladas dos velhos jornais para que se alcançasse o impacto esperado. O crowdsourcing é um modelo de cooperação, de trabalho co-

laborativo, de busca conjunta de soluções, mais frequentemente usado na área da tecnologia. Entre os jornais, é uma novidade ainda; um advento que pode estar sepultando os velhos alicerces do edifício jornalístico que rechaçava o pool de cobertura...

A formação de pools envolve planejamento e coordenação de ações, mas se refere preponderantemente a uma etapa final no processo jornalístico: a difusão da informação. Antes dela, porém, existem fases que se ocupam da produção e uma muito delicada é a da checagem dos dados, crucial para a qualidade do material informativo. O "Cablegate" permitiu o vazamento de mais de 250 mil documentos oficiais, um volume impossível de ser checado, conforme reconheceram os jornalistas do The Guardian, Leigh e Harding (2011). O cruzamento de dados e a confirmação de informação são condições essenciais para um jornalismo responsável e ético. Em casos semelhantes, quando o volume impede essa checagem, como os jornalistas devem agir: publicar sem checar ou deixar de tornar públicas aquelas revelações, mesmo que muito relevantes para seus públicos?

Este é um dilema clássico nas redações. A bibliografia de estudo e o acumulado histórico da área indicam as direções a seguir, e elas passam incontornavelmente por um conjunto de etapas e procedimentos profissionais. Entre esses procedimentos está o de ouvir os envolvidos, dar direito ao contraditório, permitir o confronto de versões. Em todos os campos da atividade humana, isso é necessário. Mas no campo da política, não se pode negligenciá-la, adiá-la, ignorar. Dar só um dos lados é contribuir para um relato parcial, superficial, desequilibrado. Ouvir o outro lado é uma questão técnica e ética para o jornalismo.

O "Cablegate" apressou as redações dos veículos consorciados a se prepararem melhor para checar a autenticidade dos dados, e a buscar formas mais seguras de fazer seu trabalho. Pelo relato de Leigh e Harding (2011), o The Guardian não checou exatamente todas as informações vazadas no WikiLeaks. Seria humanamente impossível, justificaram os jornalistas. Em algumas reportagens da série publicada, certos órgãos governamentais foram consultados, mas não em todas. Isso macula a legitimidade do trabalho exaustivo empreendido? Essa falha é essencial ou colateral?

Há, realmente, diversas disparidades entre a prática jornalística e o WikiLeaks. Para alguns, o WikiLeaks reforça o potencial que as mudanças tecnológicas tem de proporcionar transparência e acesso à informação de interesse público, consagrando o princípio da liberdade de informação. Outros até consideram o WikiLeaks um dos mais importantes desenvolvimentos do jornalismo na era da internet. Grande parte do conteúdo, todavia, principalmente em se tratando do "Cablegate", é considerada pelos críticos como meras curiosidades diplomáticas que se tornaram superadas pelo tempo, demonstrando que as fofocas e segredos de estado também podem ser irrelevantes. Costa (2010, n. p.), por exemplo, observa que há diferenças nos tipos de informações até agora divulgadas: uma coisa é "trazer a público denúncias sobre torturas e assassinatos no Iraque"; outra é "dar curso a intrigas diplomáticas". Uma terceira seria "revelar segredos de Estado". Segundo o autor, a encenação de que tais conteúdos representam revelações bombásticas serve mais ao marketing de alguns jornais do que propriamente ao interesse dos leitores.

Para o jornalista colombiano Javier Darío Restrepo, especialista em ética profissional, o WikiLeaks redefina a própria noção de “segredo de Estado”, já que os limites desses sigilos vinham ultimamente se expandindo conforme a conveniência dos governantes. Apesar deste importante serviço para a democracia, o veterano jornalista lembra que o WikiLeaks “é uma fonte abundante de informação que deve ser comprovada e contextualizada, não devendo ser entregue crua” (RESTREPO apud BOTELLO, 2011, n. p.). Vidal Vega e Romero Portillo (2011) reforçam a preocupação de ater o WikiLeaks como “fonte de trabalho para os jornalistas”, “instrumento essencial” para descobrir casos ocultos e “ferramenta” das redações, numa relação estritamente instrumental.

A organização Repórteres sem Fronteira (2010) entende que a união entre veículos jornalísticos e WikiLeaks ilustra um bom exemplo de sinergia entre a imprensa tradicional e os novos meios de comunicação. O uso de técnicas e critérios jornalísticos nos processos de seleção e hierarquização dessa avalanche de informações permitiu que se decifrasse melhor a quantidade inédita de documentos e ajudou a garantir a qualidade e confiabilidade das notícias relacionadas, independente das fontes e formas de se obter tais informações. O jornalismo exerceu, nesse caso, um papel estratégico de filtro.

De acordo com Silveira (2011), o WikiLeaks se inscreve numa política de escândalos, seguindo o caminho apontado por Thompson (2000). Segundo o primeiro, uma das novidades do fenômeno “foi a clara percepção de que redes de ciberativistas enfrentam redes políticas que articulam Estados e grandes corporações, bem como mobilizações conservadoras que aglutinam cidadãos comuns” (p. 14). Silveira faz menção à ação de Estados nacionais, aliados a grandes corporações financeiras e de telecomunicações, que se mobilizaram para conter os vazamentos, tentando por vias judiciais tirar o site da internet ou mesmo impedir as formas de seu financiamento. O autor reduz a importância das revelações que derivaram dos vazamentos; e chama a atenção para o fato de que “grandes corporações podem tentar anular a liberdade de expressão pelo controle que possuem da infra-estrutura de comunicação, podem tentar desarticular as redes de apoio pelo sufocamento financeiro dos seus grupos opositores” (SILVEIRA, 2011, p. 15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emergência do WikiLeaks no cenário comunicativo global traz questões verdadeiramente importantes para o jornalismo e para a política. O site de vazamentos está longe de ser a panaceia para a publicação de informações de interesse público mantidas em segredo. Por outro lado, não se pode ignorá-lo nesse cenário cada vez mais complexo da comunicabilidade contemporânea.

A comunicação em geral e o jornalismo em particular vêm sofrendo transformações radicais nos últimos quinze anos, e o WikiLeaks, o crowdsourcing e os novos pactos entre novas e velhas mídias são alguns dos capítulos dessa história. Ao suscitar o debate sobre o papel da imprensa na fiscalização do poder, denunciando corporações que se subvertem aos interesses privados e de governos, o WikiLeaks aponta,

ainda, para a necessidade de o jornalismo retomar e reafirmar a liberdade em sua dimensão mais profunda: enquanto princípio e direito humano fundamental e de todos. O caso revela que as organizações jornalísticas precisam mudar suas práticas e aproveitar melhor o potencial oferecido pela internet, cujos recursos contribuem para melhorar a qualidade do jornalismo. O WikiLeaks acentua, portanto, novas perspectivas para o exercício jornalístico; novas formas de se fazer jornalismo.

Conforme identificam Cruz Álvarez e Sánchez Marrón (2011, p. 374-375), a própria profissão jornalística precisa se adaptar ao novo cenário da comunicação, marcado também pela “descentralização do poder midiático” e pela “emergência de manifestações não hegemônicas”. A redefinição da natureza jornalística transcenderia, segundo os autores, a “incorporação cosmética de acessórios”, sendo necessário ainda ter em conta “as novas características de um público global, volátil e interconectado”.

Pacheco (2011, p. 35) corrobora com essa perspectiva ao salientar que o WikiLeaks mostra aos modelos concentrados e controladores de comunicação a necessidade de confronto com modelos alternativos, “que rompem com as lógicas etnocêntricas e exclusivistas dos meios midiáticos comerciais e dos governos que os suportam”. Para a autora, a cultura colaborativa possui uma força incomensurável para favorecer a democratização das comunicações.

Retomamos, portanto, alguns dos pontos já sinalizados: o WikiLeaks é o fator mais potencialmente transformador do jornalismo desde o Twitter, e é inaugurador de uma tendência crescente e irreversível de parcerias entre meios convencionais e atores não propriamente jornalísticos, mas que podem auxiliar no processo de desvendamento de informações de interesse público. É um exemplo exuberante de como a ética hacker e a deontologia jornalística convergem, se cruzam e conformam áreas comuns (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 102).

De maneira inequívoca, o WikiLeaks também ajuda a mostrar os dilemas e encruzilhadas éticas por que passam os jornalistas diante das inúmeras possibilidades que a internet oferece para o exercício profissional. Subentende-se com a prática, a obrigação dos profissionais se pautarem não apenas pelos aspectos normativos ou técnico-funcionais que configuram o fazer diário, mas, principalmente, pelas normas descritas em códigos de ética, os quais devem nortear, sempre, o jornalismo. As dúvidas que surgem com o uso de novas tecnologias digitais, por fim, são tão atuais quanto necessárias: elas exigem um olhar crítico sobre normas de conduta e preceitos considerados válidos para a atividade, o que permite aperfeiçoar o jornalismo e sua ética profissional. Nessa perspectiva, questionar, confrontar, apresentar novas formas de ser jornalista e fazer jornalismo parece ser uma atitude acertada diante de um cenário tão indeterminado e com vastas possibilidades.

REFERÊNCIAS

ANTOUN, Henrique. Jornalismo e Ativismo na Hipermídia: em que se pode reconhecer a nova mídia. Revista FAMECOS - Mídia, Cultura e Tecnologia, Porto Alegre, RS, EDIPUCRS, v. 3, nº 16, p. 134-148, 2001.

ASSANGE, Julian. The truth will always win' - Julian Assange writes. The Australian. Media Diary. December 07, 2010. Disponível em: <<http://blogs.theaustralian.news.com.au/mediadiary/index.php/australianmedia/comments/julian1/>> Acesso em: 18 de janeiro de 2011.

ASH. Timothy Gaston. Na era dos digileaks, ou vazamentos digitais. Observatório da Imprensa, nº 636, ano 16, 5 de abril de 2011. [Revista eletrônica]. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=636IMQ006>> Acesso em: 19 de abril de 2011.

BENKLER, Yochai. The wealth of networks: how social production transforms markets and freedom. New Haven: Yale University, 2006.

BIRD, Elizabeth S. The future of journalism in the digital environment. Journalism: Theory, practice and criticism, 10 (3), p. 293-295, june 2009.

BOTELLO, Blanca Estela. Wikileaks redefine el secreto de Estado. La Crónica de Hoy, 04 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.cronica.com.mx/nota.php?id_notas=576177> Acesso em: 05 de maio de 2011

BRAMBILLA, Ana Maria. Jornalismo open source: discussão e experimentação do OhmyNews International. 2006. 248f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006.

CARDOSO, Mario Rui. WikiLeaks: o verdadeiro 'doc-u-gasm'. Media & Jornalismo, v. 9, nº 17, encartado em Jornalismo & Jornalistas, nº 45, p. 48-51, jan./mar. 2011.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Ética no Jornalismo. São Paulo: Contexto, 2008.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Credibilidade jornalística e reputação na blogosfera: mudança entre dois mundos. In: V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO - SBPJOR, 2007, Aracaju. Anais... [CD-Rom]. [realização: SBPJOR – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo e UFS – Universidade Federal de Sergipe]. Brasília: SBPJOR, 2007.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; LAUX, Ana Paula França. Blogs jornalísticos e credibilidade: cinco casos brasileiros. Comunicare, São Paulo, v. 6, p. 71-82, 2006.

CORPORACIÓN ANDINA DE FOMENTO (CAF); FUNDACIÓN NUEVO PERIODISMO IBEROAMERICANO (FNPI). El futuro del periodismo y el desarrollo profesional de los periodistas de América Latina. Caracas, Venezuela: CAF & FNPI, junho de 2006.

COSTA, Luciano Martins. A valorização da fofoca. Observatório da Imprensa, nº 618, ano 16, 30 de novembro de 2010. [Revista eletrônica]. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=618IMQ002>>. Acesso: 18 de janeiro de 2011.

CRUZ ÁLVAREZ, Jesús; SÁNCHEZ MARRÓN, Antonio. WikiLeaks y la ética del nuevo periodismo: origen, desarrollo, consecuencias éticas y perspectivas de un nuevo modelo de periodismo cibernético. In: VILLEGAS, Juan Carlos Suárez. La ética de la comunicación a comienzo del siglo XXI – Livro de Actas I Congreso Internacional de Ética de la Comunicación. Primer Jornada de Jóvenes Investigadores del I Congreso Internacional de Ética Periodística a Principios del Siglo XXI. Sevilla, España: Universidad de Sevilla, Facultad de Comunicación, 29, 30 y 31 de marzo de 2011.

DEUZE, Mark. Participation, Remediation, Bricolage: Considering Principal Components of a Digital Culture. The Information, 22 (2), p. 63-75, 2006.

ELLISON, Sarah. The Man Who Spilled the Secrets. Vanity Fair, February 2011. Disponível em: <<http://www.vanityfair.com/politics/features/2011/02/the-guardian-201102>> Acesso em: 01 de abril de 2011.

FRANCO, Guillermo. El impacto de las tecnologías digitales en el periodismo y la democracia em América Latina y el Caribe. Austin, Texas: Centro Knight para el Periodismo en las Américas de la Universidad de Texas & Open Society Foundations Media Program, Septiembre 10-12 de 2009.

GILLMOR, Dan. We the Media: Grassroots Journalism by the People, for the People. EUA: O'Reilly Media, Inc., 2004. [Hardcover].

LEIGH, David; HARDING, Luke. Wikileaks. A guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado. Campinas: Verus, 2011.

MACMILAN, Robert; GRIFFITHS, Peter. Wikileaks cuts a new, wired path for journalism. Reuters, jul 27, 2010. Disponível em: <<http://in.reuters.com/article/2010/07/26/idINIndia-50408920100726>> Acesso em: 10 de maio de 2011.

NAUGHTON, John. Live with the WikiLeakable world or shut down the net. The Guardian, 6 December 2010. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/cifamerica/2010/dec/06/western-democracies-must-live-with-leaks>> Acesso em: 10 de março de 2011.

PACHECO, Liliana. Wikileaks e Internet: O que poderá mudar no jornalismo a partir daqui. Estudos em Comunicação, Labcom, nº 9, p. 31-43, maio de 2011. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/09/pdf/EC09-2011-Mai-02.pdf>> Acesso em: 29 de maio de 2011.

PALACIOS, Marcos. Os Blogs e o alargamento do campo jornalístico. In: SEMINÁRIO CULTURA E PENSAMENTO (MINC/MEC), Recife, 2007. Disponível em: <https://docs.google.com/present/view?hl=en.&id=adf4grpvm38_758f66zf> Acesso: 10 de abril de 2011.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. Contracampo (UFF), v. 14, p. 37-56, 2006.

QUADROS, Claudia Irene de; ROSA, Ana Paula; VIEIRA, Josiany. Blogs e as Transformações no Jornalismo. Revista da E-Compós, v. 3, 2005.

RECUERO, Raquel da Cunha. Warblogs: os blogs, a guerra no Iraque e o jornalismo on-line. In: XXVI CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 02 a 06 de setembro de 2003, Belo Horizonte. Anais... [CD-Rom]: Mídia, ética e jornalismo. [realização: Intercom – Associação Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais]. São Paulo: Intercom, 2003.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS. Depois das revelações de Wikileaks. Observatório da Imprensa, nº 613, ano 16, 26 de outubro de 2010. [Revista eletrônica]. Disponível em: <<http://www.observatorio-daimprensa.com.br/artigos.asp?cod=613IMQ007>>. Acesso em: 18 de janeiro de 2011.

SILVA JR., José Afonso da. A interface como estrutura de produção do jornalismo de fonte aberta. In: IV CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 30 de agosto a 3 de setembro de 2004, Porto Alegre. Anais... [CD-Rom]: Comunicação, acontecimento e memória. [realização: Intercom – Associação Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. São Paulo: Intercom, 2004.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. O fenômeno WikiLeaks e as redes de poder. In: 4º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA – COMPOLÍTICA, 13 a 15 de abril de 2011, Rio de Janeiro. Anais... [CD-Rom]. [realização: Compolítica – Associação de Pesquisadores em Comunicação e Política e UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro]. Rio de Janeiro: Compolítica, 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. Teorias da Notícia e do Jornalismo. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

THOMPSON, John B. O escândalo político. Petrópolis: Vozes, 2000,

VAN KRIEKEN, Jorge. Bradley Manning: Wikileaks, Expresso, El País, The Guardian, The New York Times, Le Monde, Politiken, Aftenposten y Der Spiegel se montan un negocio a su costa. Periodistas em Español, 7 de março de 2011. Disponível em: <<http://www.periodistas-es.org/libertad-de-expresion/bradley-manning-wikileaks-expresso-el-pais-the-guardian-the-new-york-times-le-monde-politiken-aftenposten-y-der-spiegel-se-montan-un-negocio-a-su-costa>> Acesso em: 14 de abril de 2011

VIDAL VEGA, Javier; ROMERO PORTILLO, José. La responsabilidad ética en internet: Wikileaks y la difusión de documentos secretos. In: In: VILLEGAS, Juan Carlos Suárez. La ética de la comunicación a comienzo del siglo XXI – Livro de Actas I Congreso Internacional de Ética de la Comunicación. Sevilla, España: Universidad de Sevilla, Facultad de Comunicación, 29, 30 y 31 de marzo de 2011.

WIKILEAKS ainda tropeça no jornalismo. Midiacom, nº 11, pp. 14-1, março de 2011.

NOTAS

¹Parte menor das considerações aqui colocadas foram apresentadas oralmente no 4º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores de Comunicação e Política (Compólitica), de abril de 2011, no Rio de Janeiro (RJ).

²Para uma cobertura ampla e atualizada, ver o trabalho da equipe do jornal The Guardian em <http://www.guardian.co.uk/world/the-us-embassy-cables>.

³A montanha de dados sigilosos teria partido de dentro da própria trincheira norte-americana, capturada e vazada por um jovem oficial da inteligência, destacado para acompanhar trocas restritas de mensagem. Para mais informações, consultar Ellison (2011) e Van Krieken (2011).

⁴Leigh e Harding (2011) contam em detalhes como foi o planejamento e a execução da operação dentro do The Guardian.

⁵Nesta direção, dois dos caminhos mais salientes para novas práticas jornalísticas são o chamado “jornalismo cidadão” - onde, em tese, qualquer pessoa pode ser um potencial repórter – e o “jornalismo open source” - onde os próprios públicos podem, de forma permanente, acrescentar ou modificar a informação

⁶O caso não trouxe apenas repercussão política, mas também prestígio aos seus promotores. Em abril de 2011, a Cátedra Unesco para Comunicação da Universidade de Málaga, na Espanha, apontou o “Cablegate” como o vencedor do Prêmio Internacional Liberdade de Imprensa do ano. Mais informações em <http://www.20minutos.es/noticia/1014252/0/>

⁷Novamente, Leigh e Harding (2011) contam como a operação se deu a partir do The Guardian.

⁸A passagem, que mais parece anedota, é mencionada por Mario Rui Cardoso (2011). Para mais informações, ver ainda <http://mashable.com/2010/08/20/wikileaks-journalism>

⁹O artigo "WikiLeaks ainda tropeça no jornalismo" (2011) apresenta uma discussão de contornos brasileiros sobre a questão.

¹⁰No The Guardian, John Naughton (2010) afirma que esta "primeira grande confrontação entre a ordem estabelecida e a cultura da Internet" veio mesmo para ficar. Para o acadêmico irlandês, o cenário é claro: "vivam num mundo 'WikiLeakable' ou encerrem a net. A escolha é vossa".

¹¹Mais informações em <http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/afp/2011/05/05/wall-street-journal-lanca-rival-do-wikileaks.jhtm>

¹²<https://www.wsjsafehouse.com>

¹³Mais informações em http://news.yahoo.com/s/yblog_theoutline/20110125/ts_yblog_theoutline/ny-times-considers-creating-an-ez-pass-lane-for-leakers

¹⁴<http://www.ajtransparency.com>

¹⁵<http://www.openleaks.org>

Artigo recebido em: 30 de maio de 2011.

Aprovado em: 06 de julho de 2011.

ISSN: 18099386